

Pressões políticas internas levam de La Madrid a admitir moratória

VICTOR COMBOTHANASSIS

Enviado especial

GUADALAJARA — A mudança radical na posição do Governo mexicano em relação à negociação de sua dívida externa, hoje de US\$ 97 bilhões, deve-se ao crescimento das pressões políticas internas que o Governo do Presidente Miguel de La Madrid vem enfrentando, inclusive em seu próprio partido, e à sua incapacidade de encontrar uma solução a curto prazo para o problema.

Embora não se possa afirmar que o Governo pretenda realmente declarar moratória, a simples menção dessa possibilidade pelo Presidente procura atingir dois objetivos básicos: levar os credores internacionais refletirem sobre as causas do problema da dívida e tranquilizar o país, que vive momentos de grande expectativa.

Todos os pronunciamentos oficiais convergem para um ponto: a queda dos preços do petróleo, com enormes reflexos para a economia mexicana. De La Madrid, em seu recente discurso à nação, observou que a dívida do México foi contraída principalmente para aumentar sua capacidade de produção de petróleo e que os banqueiros internacionais emprestaram o dinheiro porque acreditavam que a economia mexicana continuaria crescendo, impulsionada

pelos altos preços do barril do produto na época.

A redução dos preços do petróleo representará uma queda de 30 por cento A nas exportações mexicanas em 86 e, já sem reservas cambiais, será muito difícil para o país pagar os US\$ 1,8 bilhão em juros que vencem a 1 de julho. Como a recuperação dos preços é pouco provável, o México tenta de todas as formas obter o apoio do Governo Ronald Reagan e já se fala em um pacote de emergência, com a participação dos Estados Unidos, do Clube de Paris, do Fundo Monetário Internacional e dos bancos privados internacionais para evitar a moratória.

O mexicano médio preocupa-se com as medidas de austeridade que deverão ser adotadas e a imprensa já especula sobre o teor dessas decisões. Rumores de que as autoridades, cedendo às pressões do FMI, fariam uma maxidesvalorização da moeda, provocaram uma corrida às casas de câmbio na semana passada, e o dólar disparou de 530 para 800 pesos. Desde o início da semana os rumores diminuíram e o dólar voltou a cair para a faixa dos 650 pesos.

A preocupação com a instabilidade cambial chegou a tal ponto que o influente Instituto Mexicano de Executivos passou a defender o fim do mercado livre do dólar, embora essa medida possa fazer surgir um mercado negro.